

O MAR COMO METÁFORA NOS ROMANCES *MAR MORTO E O VELHO E O MAR* E NA PEÇA TEATRAL *RIDERS TO THE SEA*

Patrícia Anne Vaughan*

Resumo

O presente trabalho é um estudo em Literatura Comparada que analisa o mar como metáfora no romance brasileiro *Mar Morto* de Jorge Amado, *The Old Man and the Sea* (*O Velho e o Mar*) do romancista americano, Ernest Hemingway, e a peça teatral *Riders to the Sea* (sem tradução em português) do dramaturgo irlandês, John Millington Synge. Focalizado principalmente no romance *Mar Morto*, este estudo considera o mar como um elemento que provoca atitudes diferentes nos personagens masculinos e femininos das três obras literárias. O relacionamento dos marítimos da Bahia com o mar é comparado ao de Santiago, o Velho do romance de Hemingway: eles o vêem como a força feminina dominante nas suas vidas e a fonte da sua crença religiosa. A percepção das mulheres é bem diferente. Comparando as mulheres de *Mar Morto* às de *Riders to the Sea*, observa-se que a atitude das mães, filhas, esposas e amantes daqueles cujas vidas são indubitavelmente ligadas ao mar, o consideram com um inimigo que lhes rouba o amor e a segurança que os homens poderiam dar. Há nestas mulheres, porém, uma estranha resignação à sua sorte e, quando a morte ocorre no mar, elas choram e reclamam mas, no final, aceitam o papel destinado a elas.

Palavras-chave

Mar, Metáfora, Força feminina, Crença religiosa, Inimigo, Resignação.

Summary

The present work is a study in Comparative Literature which analyses the sea as metaphor in the Brazilian novel, *Mar Morto*, by Jorge Amado, *The Old Man and the Sea* (*O Velho e o Mar*) by the American novelist, Ernest Hemingway,

as well as in the one-act play by Irish dramatist, John Millington Synge, *Riders to the Sea* (no translation available in Portuguese). With the principal focus on *Mar Morto*, this study considers the sea as an element which provokes different attitudes in the masculine and feminine characters of the three literary works. The relationship of the mariners of Bahia to the sea is compared to that of Santiago, the old man of Hemingway's novel: these men admire and love the sea, which they consider as the dominant feminine force in their lives and the source of their religious belief. The women's relationship to the sea is very different. In comparing the attitude of the feminine characters in *Mar Morto* and *Riders to the Sea*, one can readily observe that the mothers, daughters, wives and lovers of those whose life is irrevocably linked to the sea, consider it to be an enemy which robs them of the love and support which is provided for them by their men. There is in these women, however, a strange resignation to their fate, and when death occurs at sea, they weep and lament, but finally accept the role which destiny has assigned them.

Key words

Sea, Metaphor, Feminine force, Religious belief, Enemy, Resignation.

O Mar como Personagem Principal nos Romances *Mar Morto* e *O Velho e o Mar* e na peça teatral *Riders to the Sea*

Basta o leitor olhar os títulos dessas três obras literárias para saber que o mar (*sea* em inglês) ocupa um espaço muito grande em todas elas. E à medida em que esse mesmo leitor vai mergulhando nas várias histórias, vai descobrindo que o mar não é apenas o pano de fundo para o

* Professora Visitante do Departamento de Letras Estrangeiras, Universidade Federal do Ceará.

desenvolvimento dos seus respectivos enredos, mas é também uma metáfora sempre presente e com uma função específica em cada obra. Diríamos até que a metáfora do mar nas obras citadas (que, em conjunto formam o “corpus” desta pesquisa) se torna tão importante que podemos entendê-lo como um dos personagens principais. E, como veremos a seguir, uma análise comparativa das três obras revela ainda que o relacionamento entre o mar e os outros personagens das histórias, é bastante diferente, dependendo do significado metafórico dado a ele pelos respectivos autores.

No romance *Mar Morto*, por exemplo, podemos observar que a maneira como os homens vêem o mar é contrária à das mulheres. Os personagens masculinos de Jorge Amado que ganham a vida no mar, a maioria nos saveiros, têm uma verdadeira veneração por ele, chegando a nem sentir medo da sua fúria ou da sua imensidão. Ao contrário, por ele sentem um grande amor, tanto que a metáfora do mar em relação aos marítimos da Bahia é de uma personagem feminina que os encanta e os seduz. A crença religiosa destes homens é também concentrada no mar, na figura da “*mãe das águas*”. Eles acreditam que o seu destino é um dia cair nos braços dela, que não é somente mãe mas também mulher e amante, e esta idéia de morte no mar não os assusta nem é motivo de sentimentos indignos daqueles que a servem. O interessante é notar que à metáfora do mar, que significa para os saveiros uma mulher atraente e sedutora como já explicamos, é acrescentada a idéia de deusa, aquela que possui domínio completo sobre sua vida e o seu destino. Ela se chama Iemanjá, ou Janaína, ou Dona Maria, ou qualquer um dos cinco nomes usados por eles para denominá-la. Assim, em *Mar Morto*, a metáfora do mar (em relação aos personagens masculinos) funciona em dois sentidos inseparáveis - significa mulher/mãe/ amante, mas também, num sentido religioso profundo, significa uma deusa poderosa.

Mas as mulheres dos marítimos não o vêem assim. Para elas, que ficam à espera dos homens, o mar representa o inimigo. Na espera da volta dos homens do mar elas temem pela vida deles, sentem angústia, medo e, às vezes, revolta. No entanto, porque a maioria nasceu vendo seus pais e seus irmãos também dedicando-se à vida do mar, estas mesmas mulheres revelam uma atitude estoica de resignação e embora sofrendo, reconhecem que Iemanjá é mais forte do que elas e que os homens, afinal, estão mais ligados à “*mãe das águas*” do que a elas.

Pensando nestes vários aspectos do romance de Jorge Amado, resolvemos fazer nesta pesquisa uma análise comparativa entre a maneira como o mar é usado metaforicamente no romance *Mar Morto* e seu uso semelhante em outras obras literárias oriundas de culturas e línguas diferentes. Assim, uma primeira análise comparará a atitude predominante dos

marítimos da Bahia em relação ao mar com a dos pescadores cubanos do *O Velho e o Mar*, de Ernest Hemingway, especificamente na pessoa do velho Santiago. Uma segunda análise comparará a percepção do mar como inimigo implacável, que caracteriza as mulheres de *Mar Morto* com a atitude semelhante das mulheres na peça *Riders to the Sea* de John Millington Synge. A atitude masculina em relação ao mar será analisada sob dois aspectos: a) O mar como personagem feminina e b) o mar e a crença religiosa. Quanto à atitude feminina diante do poder do mar, também será vista sobre dois aspectos: a) o mar como inimigo e b) o mar e a morte: a resignação.

A Relação dos Personagens Masculinos com o Mar em *Mar Morto* e *O Velho e o Mar*

a) O mar como personagem feminino

Quem já decifrou o mistério do mar? Do mar vem a música, vem o amor e vem a morte. E não é sobre o mar que a lua é mais bela? O mar é instável. Como ele é a vida do saveiros.

O mar é amigo dos mestres de saveiro. Pois o mar não é a estrada, não é o caminho, não é a casa deles todos?

O mar é amigo, o mar é doce amigo para todos eles que vivem nele.

É com essas belas palavras sobre o mar que Jorge Amado retrata a atitude principal dos saveiros da Bahia. O mar é visto como “*a vida dos saveiros*”, como “*a casa deles todos*.” Trata-se de uma identificação completa do homem com o mar, e desta identificação nascem outros sentimentos mais complexos e talvez até mais profundos.

O escritor americano Hemingway, através das palavras do velho Santiago, veterano de uma vida passada pescando no mar do Golfo do México, também louva o mar, ao mesmo tempo em que reconhece o perigo que representa: “*O mar é generoso e belo. Mas pode tornar-se tão cruel. . .*”²

Contudo, apesar deste reconhecimento, para Santiago o mar é seu amigo, seu companheiro e ele sabe muito bem que sua vida é inseparável dele: “*Talvez eu não devesse ter escolhido a vida de pescador*”, pensou o velho. “*Mas foi para isso que eu nasci.*”³

É desta total identificação com o mar, desta convicção de que ele representa o destino dos homens que nele vivem, que surge o sentimento de amor, um amor em que o próprio mar completa o ser dos seus homens. Diante deste amor, o mar, geralmente visto como um elemento masculino, torna-se um forte elemento feminino. Para os saveiros baianos, o

¹ Amado, Jorge, *Mar Morto*, Editora Record, pp. 19, 25 e 26.

² Hemingway, Ernest, *O Velho e o Mar*, Civilização Brasileira, p. 31.

³ Ibid, p. 54.

mar significa uma personagem que representa, não somente a feminilidade como também toda a sensualidade que uma mulher representa para um homem. É Iemanjá que “é dona do cais, dos saveiros, da vida deles todos... Ela é serêia, é a mãe-d’água, a dona do mar...”⁴

Seu relacionamento com os marítimos é também de esposa, figura que nasce da lenda que se conta no cais de Salvador, que ela foi violentada pelo próprio filho e que este fez dela sua amante:

Assim, Iemanjá é mãe e esposa. Ela ama os homens do mar como mãe enquanto eles vivem e sofrem. Mas no dia em que morrem é como se eles fossem seu filho, Orungã, cheio de desejos, querendo seu corpo.⁵

O velho pescador Santiago também percebe o mar como personagem feminino, mas em termos menos sensuais e mais realistas:

*O velho pensava sempre no mar como sendo la mar, que é como lhe chamam em espanhol quando verdadeiramente lhe querem. Às vezes aqueles que o amam lhe dão nomes feios mas sempre como se se tratasse de uma mulher. Alguns dos pescadores mais novos, aqueles que usam bóias como flutadores para as suas linhas e têm barcos a motor, comprados quando os fígados dos tubarões valiam muito dinheiro, quando falam do mar dizem el mar, que é masculino. Falam do mar como de um adversário, de um sítio ou mesmo de um inimigo. Mas o velho pescador pensa sempre no mar no feminino e como se fosse uma coisa que fizesse ou não fizesse grandes favores, e se o mar fizesse coisas selvagens ou cruéis era só porque não podia evitá-lo: “A lua afeta o mar tal como afeta as mulheres,” pensou o velho.*⁶

Para os marítimos da Bahia, o mar, não é “a outra” nas suas vidas. Ao contrário, ele ocupa o lugar central. Em segundo lugar ficam as mulheres que esperam por eles no cais, e que eles sabem que um dia deixarão para ir ao encontro de Iemanjá. Eles têm plena consciência de que pertencem a ela. Tanto isso é verdade, que eles relutam contra o próprio casamento e a vida em família.: “Dizem os velhos, diz a canção, os homens do cais não devem casar.”⁷ Mesmo assim, alguns, como o Guma, se casam e vivem felizes com suas mulheres. O Guma se delicia na convivência com sua mulher, Lívia, enquanto está na terra, mas a presença dela no seu barco incomoda, porque ele sabe bem que ela não entende sua dedicação a Iemanjá e teme por sua vida:

*Uma noite de temporal Guma lhe confessou que a viagem se tornava muito mais difícil com ela ao lado. Ele, que nunca tinha medo, sentia um verdadeiro terror quando a tarde se anunciava e eles estavam no mar. A vida dela lhe trazia aquele terror, aquele medo dos ventos e das tempestades.*⁸

Ele ama a esposa, mas no fundo do coração adere à filosofia do marítimo que

... será sempre livre no seu saveiro. Não terá âncoras que o prendam à terra.

O homem que vive no mar deve ser livre... Livre não para amar, [mas] para viver mais largamente. Porém livre para morrer,⁹ para celebrar suas núpcias com Iemanjá, a dona do mar.

Em terra, o viúvo Santiago sente muito a falta da sua mulher:

*Em tempos, houvera na parede uma fotografia da esposa, mas ele a tinha tirado porque se sentia muito só ao olhá-la, todos os dias; agora estava escondida numa prateleira, debaixo de sua camisa lavada.*¹⁰

Mas, no mar, sozinho e lutando terrivelmente para vencer o grande peixe que fisgou, não é na mulher que pensa. Aceita sua solidão como consequência não só da idade, mas também da sua dedicação a “la mar”. Pensa também no rapazinho, Manolin, que sempre o acompanhava e que também entendia e amava a vida de pescador: “Gostaria tanto de ter aqui o rapaz! Para me ajudar e para ver isto.” “Pessoas da minha idade nunca deviam estar sozinhas”, pensou ele.” Mas é inevitável.”¹¹

Para quem se dedica ao mar, para quem vê esta imensidão da natureza como mulher amada, estar sozinho nele resulta sim numa grande solidão. Mas, tanto no caso de Guma e os outros marítimos, como no do velho pescador Santiago, esta solidão é inevitável pois é fruto de um amor maior do que aqueles que se encontram na terra. É a consequência natural de uma fidelidade de amante, daquele que encontra no “la mar”, na sua entrega a Iemanjá, a realização da sua própria vida.

O mar e a crença religiosa

Por tradição, tanto os marítimos da Bahia, como o velho cubano Santiago, são católicos. Mas a vivência dos

⁴ *Mar Morto*, p. 67

⁵ *Ibid*, p. 20.

⁶ *O Velho e o Mar*, p. 31

⁷ *Mar Morto*, p. 106.

⁸ *Ibid*, p. 13.

⁹ *Ibid*, pp. 29 e 19.

¹⁰ *O Velho e o Mar*, p. 17.

¹¹ *Ibid*, p. 51

rituais da Igreja Católica é vista por eles como pertencendo às mulheres. A imagem do Sagrado Coração de Jesus e uma outra da Virgem de Cobre que se vêem penduradas nas paredes da cabana de Santiago, ele considera como “reliquias de sua mulher.”¹² “Tu deixa eu ir dá uma espiada na festa da Conceição?” pergunta Esmeralda, ao marido, o marítimo Rufino. “A Igreja tá tão bonita e é uma santa da minha devoção.”¹³ Os homens entram na Igreja para se casarem, como é o caso de Guma e Lívia, e às vezes, na ocasião dos festejos tradicionais:

Mas ela [Lívia] é somente de Guma, casou foi com ele na Igreja de Mont Serrat, onde se casam os pescadores, os canoários e os mestres de saveiros. Mesmo marinheiros que viajam por mares longínquos, em paquetes enormes, vêm casar na Igreja de Monte Serrat, que é a igreja deles, trepada no morro, dominando o mar.¹⁴

Havia festa na igreja da Conceição da Praia, mulheres passavam embrulhadas em xales, homens desciam a ladeira.¹⁵

Para quem vive e se dedica ao mar, é este que se torna sua religião verdadeira e é a deusa Iemanjá que os marítimos da Bahia festejam, junto com as mulheres:

É uma imensa massa humana que se movimenta na areia. A igreja de Monte Serrat aparece do alto, mas não é para lá que dirigem esses braços cheios de tatuagens. É para o mar de onde virá Iemanjá, a dona daquelas vidas. Hoje é dia dela brincar na areia, dela festejar a suas bodas com os marítimos, dela receber os presentes que os noivos rudes lhe trazem, de recer as saudações daquelas que em breve serão suas sacerdotisas.¹⁶

Maurice Van Woensel, num artigo publicado na revista “Estudos Anglo-Americanos” que trata da questão da fé (ou falta de fé) do velho Santiago, diz o seguinte:

*The old man's faith is quite syncretic: besides his Roman Catholic religiosity, he believes in “lucky” numbers ... and at the end he believes it was bad luck that defeated him. Moreover, he has a sort of animistic devotion to “la mar.”*¹⁷

É justamente sua devoção a “la mar” que faz dele semelhante aos marítimos, devotos de Iemanjá. Embora ainda parecem crer na existência de Deus, suas orações e súplicas têm um tom mecânico e revelam uma certa falta de

convicção de que realmente vão servir para alguma coisa. Na sua luta com o grande peixe, ele se põe a rezar a Ave Maria, depois, num tom irreverente, acrescenta: “Virgem bendita, rogai pela morte daquele peixe, embora ele seja tão belo.”¹⁸ Depois promete rezar mais:

*Não tenho grande religião... Mas direi dez Padre-Nossos e dez Ave-Marias se pescar este peixe... Começou a rezar quase mecanicamente. Às vezes, estava tão cansado que nem podia lembrar-se das orações, e então costumava dizê-las muito depressa para se lembrar delas automaticamente. “As Ave-Marias são mais faceis do que os Padres-Nossos”, pensou.*¹⁹

Um outro aspecto do misticismo do mar que pode ser detectado tanto em *Mar Morto* como no *O Velho e o Mar* é que os personagens masculinos destes dois romances acreditam muito na necessidade de oferecer algum sacrifício, algum tributo ao mar para receber de volta seus favores. Assim, o marítimos crêem que, para ter sorte no mar, têm que fazer ofertas a Iemanjá:

*Mas, Iemanjá não vem assim, com simples cânticos. É preciso que a vão buscar, que levem os presentes... As mulheres sacodem os presentes, recitam os pedidos... e ficam com os olhos longos vendo se eles afundam. Porque se eles boiarem é que Iemanjá não aceitou o presente e então a desgraça pesará sobre aquela casa.*²⁰

*O velho pescador promete, se conseguir agarrar o peixe, fazer uma peregrinação: “Se o agarrar prometo fazer uma peregrinação à Virgem do Cobre. Prometo.”*³⁰

Este aspecto de ritual religioso que marca o relacionamento dos homens com o mar nos dois romances torna-se, através do uso da metáfora, um grande símbolo do Ser que está acima de todos nós, que direciona nossa vida e que cuida de nós. A comunhão deles com o mar engloba sentimentos e emoções, e cria uma união de espírito, de crença, de fé entre todos aqueles que optam, ou por livre e espontânea vontade ou por destino, juntar suas vidas a “la mar.”

A Relação dos Personagens Femininos com o Mar em *Mar Morto* e *Riders to the Sea*

A história que John Millington Synge conta na sua peça *Riders to the Sea* é de espera e sofrimento. Situado na entrada de Galway Bay, que dá acesso a Irlanda, encontra-

¹² Ibid, p. 15.

¹³ *Mar Morto*, p. 158.

¹⁴ Ibid, p. 21.

¹⁵ Ibid, p. 157.

¹⁶ Ibid, p. 72.

¹⁷ Van Woensel, Maurice, “Hemingway’s Old Man: An Agnostic Agonistes”, *Estudos Anglo-Americanos*, n.º 12-13, ABRAPULI.

¹⁸ *O Velho e o Mar*, p. 69. Ibid, pp. 68-69.

¹⁹ *Mar Morto*, pp. 72-73.

²⁰ *O Velho e o Mar*, p. 68.

³⁰ Ibid, p. 223.

se um conjunto de três pequenas ilhas, as chamadas Aran Islands. Isoladas da ilha maior que é a Grã Bretanha, elas dependem desta para sua sobrevivência. Os homens saem delas para achar emprego, para vender e comprar, para aprender o que é necessário a fim de que eles e suas famílias possam levar a vida com alguma dignidade e um pouco de conforto. Esses homens não são marítimos mas vivem no mar, no sentido de que é o próprio mar que serve de passagem das pequenas ilhas para a grande. Para entender o perigo que representa esta constante ida e volta de uma ilha a outra, é preciso entender que no norte justamente perto destas ilhas, o mar, durante a maior parte do ano, é extremamente violento. Como os homens são pobres e sem muito recurso fazem suas viagens em barcos pequenos e frágeis, é comum a perda de vida de muitos deles.

Riders to the Sea é a história de uma família que já perdeu quase todos os seus homens ao mar. A matriarca, Maurya, já enfrenta a perda do marido, do sogro e seus seis filhos, todos mortos por afogamento no mar violento que banha as costas da Irlanda. Resta-lhe apenas suas duas filhas, Cathleen e Nora, para confortá-la no seu sofrimento. A peça inicia-se com a dúvida sobre a morte de Michael, um dos filhos de Maurya, há dias desaparecido no mar. Seu corpo está sendo procurado mas ficamos sabendo, no desenvolvimento da história, que não será encontrado. O filho que ainda vive, o Bartley, planeja uma viagem à ilha grande a fim de vender uma égua e seu potrozinho, e segue seu caminho apesar do desgosto da mãe e das súplicas das irmãs para que ele fique em casa. A mãe tem uma visão da morte deste seu último filho, e a peça termina tragicamente com os homens da vila trazendo o corpo do Bartley de volta para casa, O que é notável nesta pequena peça, e o que faz lembrar o romance *Mar Morto*, é a atitude das mulheres em relação ao mar. Se para os personagens masculinos no romance de Jorge Amado, o mar simboliza mulher/mãe/amante e deusa, e se em *O Velho e o Mar*, o pescador Santiago também vê o mar como um elemento feminino a que seu destino é inseparavelmente ligado e que lhe inspira respeito e dedicação, as mulheres de *Mar Morto* e as de *Riders to the Sea* têm uma outra visão. Para elas, o mar, é, sobretudo, um inimigo que tira delas o amor e a proteção dos seus homens, sejam estes maridos, filhos ou irmãos. Mas, porque elas nascem e vivem perto deste inimigo, entendem que é assim a vida e que não há possibilidade de mudar a situação. Enfrentam a longa espera da volta dos homens que vão para o mar, e, quando estes não voltam com vida, recebem seus mortos com uma resignação estoica. É sobre estes dois aspectos do relacionamento das mulheres de *Mar Morto* e *Riders to the Sea*, isto é, a) o mar como inimigo e b) o mar e a morte: a resignação, que passamos a analisar em relação às duas obras.

a) O mar como inimigo

É o personagem de Lívia, mulher de Guma, que a atitude de revolta contra o mar se torna mais evidente. Lívia, que nasceu na cidade, que se casou com Guma e aceitou ser mulher de marítimo, na verdade, nunca se conformou com a vida daqueles cujo destino é juntar-se ao mar:

*Lívia pensa com raiva em Iemanjá. Ela é a mãe d'água é a dona do mar e, por isso, todos os homens que vivem em cima das ondas a temem e a amam. Ela castiga. Ela nunca se mostra aos homens a não ser quando eles morrem no mar. Os que morrem na tempestade são seus preferidos. E aqueles que morrem salvando outros homens, esses vão com ela pelos mares em fora... destes ninguém encontra os corpos, que eles vão com Iemanjá.*²¹

Consolada por Maria Clara quando, no final do romance, o Guma morre no mar depois de salvar dois outros homens (portanto, seu corpo não será encontrado, porque ele foi levado por Iemanjá), ela continua sem se conformar:

*Mas Maria Clara nasceu no mar, viveu sempre ali. Para ela aquilo é uma lei fatal: um dia o homem fica no mar, morre com o saveiro que vira. E a mulher procura seu corpo e espera que o filho cresça para vê-lo morrer também. Lívia, porém, não nasceu no cais. Ela veio da cidade, veio de outro destino. A estrada larga do mar não era sua estrada. Ela a tomou por amor. Por isso não se conforma. Ela não aceita essa lei como uma fatalidade, como aceita Maria Clara. Ela lutou, ela ia vencer...*²²

Dulce, que também não nasceu no cais e nem casou com marítimo, mas que era professora de quase todos eles, que os viu em criança e viu a sua mocidade perdida no mar, é outra que percebe o mar como inimigo implacável:

*O mar estava diante dela e já tragara muitos alunos seus, e tragara, também seus sonhos de moça. O mar é belo e é terrível. O mar é livre, dizem, e livres são os que vivem nele. Mas Dulce bem sabia que não era assim, que aqueles homens, aquelas mulheres, aquelas crianças não eram livres, estavam acorrentados ao mar, estavam presos como escravos e Dulce não sabia onde estavam a cadeias que os prendiam, onde estavam os grilhões dessa escravidão.*²³

Em *Riders to the Sea*, as duas irmãs, Cathleen e Nora, ao verificar por umas peças de roupa encontradas flutando no mar, que realmente Michael, seu irmão, morreu por afogamento, lamentam a crueldade do mar em tomar as vidas dos homens:

²¹ *Mar Morto*, p. 21.

²² *Ibid*, p. 215.

²³ *Ibid*, p. 43

Cathleen (counts the stitches): *It's that number is in it. (Crying out.) Ah, Nora, isn't it a bitter thing to think of him floating that way to the Far North, And no one to keen him but he black hags tha do be flying on the sea?*

Nora (swinging herself round, and throwing out her arms on the clothes): *And isn't it a pitiful thing when there is nothing left of a man who was a great rower and fisher, but a bit of an old shirt and a plain stocking?*²⁴

Mesmo as mulheres que nasceram à beira do cais, que viverem toda a vida com os marítimos vêem o mar como inimigo. Esperam a volta dos seus homens com corações apreensivos, sabendo que qualquer dia, eles podem não voltar e que ficarão sem amparo elas e seus filhos. Até Maria Clara que canta no saveiro do Mestre Manuel que “é doce morrer no mar” sabe que seu dia de perda virá.

b) O mar e a morte: a resignação

A manifestação de resignação estóica diante da morte por afogamento é incontestável em *Riders to the Sea*. As irmãs Cathleen e Nora têm medo de avisar a mãe que Michael está morto e temem também pela a vida do seu irmão Bartley, que se prepara para vender seus cavalos na feira de Galway. Mesmo assim, podemos observar uma atitude de resignação diante desses fatos. Ao receber um pacote de roupa encontrado no mar e que talvez seja do irmão, elas reagem com dor, mas também aceitam a verdade da sua morte:

Nora (who has taken up the stocking and counted the stitches, crying out):

*It's Michael, Cathleen, it's Michael: God spare his soul, and what will herself say when she hears this story and Bartley on the sea?*²⁵

É sobretudo Maurya, a velha mãe, que retrata uma resignação quase impossível em termos humanos. Consciente que o Bartley não voltará de Galway e sofrendo profundamente, a Maurya conta suas muitas perdas:

Bartley will be lost now, and let you call in Eamon to make me a good coffin out of the white boards, for I won't live after them. I've had a husband, and a husband's father, and six sons in this house - six fine men, though it was a hard birth I had with every one of them and them coming to the world - and some of them were found and some of them were not found, but they're gone now, the lot of them... There were Stephen, and Shawn, were lost in the great wind, and

*found after in the Bay of Gregory of the Golden Mouth, and carried up the two of them on the one plank, and in by that door.*²⁶

(She pauses for a moment, the girls start as if they heard something through the door that is half open behind them.)

*There was Sheamus and his father, and his own father again, were lost in a dark night, and not a stick or sign was seen of them when the sun went up. There was Patch after was drowned out of a currach that turned over. I was sitting here with Bartley, and he a baby, lying on my two knees, and I seen two women, and three women coming in, and they crossing themselves, and not saying a word.*²⁷

Maurya tem sido vista pelos críticos como uma figura quase mística - uma figura trágica que talvez represente o sofrimento da própria Irlanda, país sofredor, mãe de tantos filhos perdidos nas guerras, na época da grande fome, nas pestes que têm assolado o país há muito tempo. Mas, mesmo sem aceitar esta hipótese, Maurya pode ser identificada com os pobres, os oprimidos de todos os tempos - a voz daqueles que sofrem e sabem aceitar, não a injustiça que causa o sofrimento, mas sim a condição humana. Na cena final da peça, a Maurya entrega as almas dos seus homens a Deus:

*They're all together this time, and the end is come. May the Almighty God have mercy on Barley's soul, and on Michael's soul, and on the souls of Sheamus and Patch, and Stephen and Shawn (bending her head); and may He have mercy on my soul, Nora, and on the soul of everyone is left living in the world*²⁸

É com semelhante resignação que as mulheres dos marítimos enfrentam a morte dos seus homens. Numa noite de tempestade, Judite, mulher do Mestre Raimundo, perde seu marido e seu filho. Enquanto ela espera a chegada dos corpos, é consolada pelas outras. Mas, ao soluçar no seu quarto, reflete que a perda dos seus homens no mar:

*... é o destino de todas elas. Os homens da beira do cais só têm uma estrada na sua vida: a estrada do mar. Por ela entram, que seu destino é esse. O mar é o dono de todos eles.*²⁹

Até Lívia, que sempre encarava o mar com grande inimigo, enquanto não muda de idéia sobre isso, se conforma com o destino do seu filho, também filho do Guma. Viajando pelo mar no saveiro de Mestre Manuel, ela pensa que “na outra viagem trará seu filho, o destino dele é o mar.” E Dulce,

²⁴ Synge, John Millington, “*Riders to the Sea*”, Twelve Short Plays, The Fireside Theater, Garden City, New York, 1970, p. 319.

²⁵ Ibid, p. 320.

²⁶ Ibid, p. 322.

²⁷ Ibid, p. 322-323

²⁸ Ibid, p. 325.

²⁹ *Mar Morto*, p. 19.

olhando pela janela da sua escola, e vendo Livia firme na proa do saveiro, retoma a esperança perdida diante da crueldade do mar: “[ela] viu uma mulher forte que lutava. A luta era seu milagre. Começou a se realizar.”³⁰

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRALIC, **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, Rio de Janeiro, 1996.
- AMADO, Jorge, **Mar Morto**, 68ª edição, Editora Record, Rio de Janeiro, 1994.
- BASSNET, Susan, “Comparative Literature into the 1990’s - A New Perspective”, **Anais do XXII SENAPULLI**, Poços de Caldas - MG, 1991.
- CARVALHAL, Tania Franco, **Literatura Comparada**, 2ª edição, Editora Ática, São Paulo, 1992.
- COUTINHO, Eduardo F. e Carvalhal, Tania Franco (editores), **Literatura Comparada: Textos Fundadores**, Rocco, Rio de Janeiro, 1994.
- FALCÃO, Vlândia Maria Borges, “*Hemingway’s Old Man and the Seamen in Mar Morto: Do These Geographically Apart People Have Anything in Common?*” Trabalho apresentado para aprovação na disciplina “Tópicos

Especiais da Literatura em Língua Inglesa”, Mestrado em Língua Estrangeira, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 1994.

- GOMES, Álvaro Cardoso, **Jorge Amado: Literatura Comentada**, Editora Abril Educação, São Paulo.
- HEMINGWAY, Ernest, **O Velho e o Mar**, 38ª edição, Civilização Brasileira, 1996.
- Informações sobre Hemingway e Synge pela **INTERNET**.
- KAISER, Gerhard R. **Introdução à Literatura Comparada**, (Tradução de Teresa Alegre), Fundação Calouste Gulbenkian, Alemanha / Lisboa, 1980.
- LINHARES FILHO, **A Metáfora do Mar no Dom Casmurro**, Edições Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, 1978.
- SYNGE, John Millington, **Riders to the Sea, Twelve Short Plays**, edited by Richard H. Goldstone and Abraham H. Lass, The Fireside Theater, Garden City, New York, 1970.
- VAN Woensel, Maurice, “*Hemingway’s Old Man: An Agnostic Agonistes*”, Estudos Anglo-Americanos, N.º 12-13, ABRAPUI, 1988-89.
- WEEKS, Robert P. **Hemingway: A Collection of Critical Essays**, Prentice-Hall, Inc., Englewood Cliffs, N.J., 1962.

³⁰ Ibid, p. 223.